

7

CAPÍTULO

LUIZ ANTÔNIO MARCUSCHI

O MESTRE

Kazue Saito Monteiro de Barros

Antes de tudo, um agradecimento especial ao Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste – Gelne pela oportunidade de juntar a minha voz à de tantos outros que, como eu, amam, admiram, respeitam este ser extraordinário que foi Luiz Antônio Marcuschi, o nosso (re)conhecido Mestre maior. É um prazer e uma honra participar dessa homenagem.

Tomo como pressuposto que meus interlocutores são amigos e pares do Marcuschi, mas também pesquisadores de novas gerações que não tiveram a oportunidade de convivência com este brilhante cientista. Pensando sobretudo nestes últimos, faço um curto relato de algumas das conquistas do Marcuschi, ínfimas

em relação à magnitude de seus feitos. Tento pontuar minimamente o jeito inquieto e visionário desse competente pesquisador, que nunca poupou esforços para alavancar a ciência de um modo geral e, com especial carinho, os estudos da área do texto e do discurso.

BREVES NOTAS BIOGRÁFICAS

Luiz Antônio Marcuschi, nascido aos 15 de maio de 1946, em Guaporé, na Serra Gaúcha, concluiu a graduação em filosofia (Philosophisches Seminar), em 1968, na PUC-RS, o doutorado em Linguística, em 1988, na Universität Erlangen-Nürnberg e realizou um pós-doutorado de 1987 a 1988, também em Linguística, na Albert-Ludwigs-Universität Freiburg. O professor Marcuschi entrou para a Universidade Federal de Pernambuco – UFPE em 1976 onde sempre trabalhou da forma que lhe era peculiar, com seu entusiasmo e curiosidade intelectual, com sua incomparável generosidade no partilhar conhecimentos com alunos e colegas. Marcuschi foi um dos principais responsáveis pela criação do programa de Mestrado em Linguística e Teoria da Literatura já no segundo semestre de 1976, curso que foi definitivamente credenciado em 1980. Alavancado pela produtividade do Mestre, o Doutorado em Linguística é criado primeiro, em 1990, seguido pelo curso de Teoria da Literatura em 1996.

CONTRIBUIÇÕES EM RELAÇÃO À POLÍTICA CIENTÍFICA DE ÁREA

O perfil de cientista líder reflete-se na atuação nas principais instituições do país, em valiosas assessorias junto ao MEC, à SBPC, à FINEP, à Facepe, ao CNPq, à Capes. No MEC – SESu, em 2004, Marcuschi integrou a Comissão de Especialistas para a definição da política de ensino – aprendizagem e pesquisa da Língua Portuguesa no Brasil e de sua internacionalização.

Na SBPC, Marcuschi foi secretário regional em Pernambuco, de 1988 a 1990, membro do Conselho de 1991 a 1995 e parte da Diretoria por dois mandatos, de 1997 a 2001. Por lá deixou uma legião de admiradores e amigos, tendo sido homenageado na 65ª Reunião Anual, realizada em Recife em julho de 2013. Gosto de destacar esse período do Marcuschi como secretário regional da SBPC porque foi nessa época – precisamente em 1989 – que foi criada a Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de PE – Facepe. Embora estando fora do país, acompanhei o processo pelas cartas do Marcuschi e sei que ele, por sua posição na SBPC, foi um dos líderes mais determinantes para constituição da Facepe. Nunca foi presidente dessa instituição que lhe era muito cara, mas, mais tarde, foi um membro bastante atuante no Conselho Superior. Destaco a criação da Facepe porque, ao falar sobre Marcuschi, acho que mais do que elencar seus vários cargos

nas mais importantes instituições públicas do país é relevante ressaltar essa faceta que lhe é peculiar: sua atuação quieta, nos bastidores dos projetos, a que se entregava com generosidade.

No CNPq, além de membro do Comitê Assessor (CA/LL) nos períodos de 1980-1982, e 1985-1986, foi membro do Comitê Editorial CNPq, a partir de 1979. E, novamente, seu trabalho junto à instituição mostra bem o idealismo do nosso homenageado: poucos jovens sabem, mas ele foi, por exemplo, peça importantíssima na consolidação do Programa Pibic. As normas vigentes do Manual do PIBIC têm muito das ideias do Marcuschi. O Programa foi idealizado como forma de minimizar o problema das desigualdades regionais, diminuir a idade média dos doutores (antes, em torno de 40-50 anos), ter alunos de pós-graduação melhor preparados para diminuir o tempo de titulação e incentivar maior integração da graduação com a pós. Marcuschi tinha enorme entusiasmo pelo programa e se doava inteiramente à causa.

Quando adoeceu em 2006, Marcuschi atuava na Capes como Representante da área de Letras, com mandato para 2005 a 2007 e como Membro do Conselho Consultivo do Portal de Periódicos. Pouco sei detalhar sobre sua atuação na Capes, mas ele era presença constante na instituição. Incansável, este guerreiro sempre soube como ninguém concretizar os projetos mais complexos em prol da ciência, da tecnologia e de uma sociedade mais justa e humana.

Marcuschi capitaneou a criação de associações e de grupos de trabalho que impulsionaram a área da Linguística e da Literatura: estava no grupo que idealizou a fundação da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Letras e Linguística – ANPOLL, em 1985, tendo sido um dos primeiros presidentes da associação. Na ocasião, sugeriu a formação do Grupo de Trabalho em Linguística de Texto e Análise da Conversação, coordenado por ele por diversos anos, sempre sob a aclamação dos pesquisadores do grupo. O GT LT & AC cresceu rapidamente e ainda hoje congrega os mais produtivos pesquisadores da área de todo país.

Também foi peça essencial na criação da Asociación Latinoamericana de Estudios del Discurso – ALED, em 1995, tendo ocupado o cargo de primeiro delegado do Brasil. Em 1997, depois de 2 anos, é “(re)eleito” porque a partir desse ano começam as eleições na ALED – e como ninguém queria perder Marcuschi como representante, estipulou-se que o período anterior de sua gestão “não valia”.

A ALED cresceu muito e se tornou impossível conservar o formato dos encontros como colóquios: assim, em 2001, aqui em Recife, foi realizado o *I Congreso y IV Coloquio de la Asociación Latinoamericana de Estudios del discurso*, coordenados por Marcuschi. Atualmente a ALED é responsável pela integração de inúmeros analistas do texto e do discurso, de diferentes correntes, na América Latina e até fora dela, já que são muitos os associados de diferentes nacionalidades.

Essas observações comprovam a mais conhecida face do Marcuschi: idealista, visionário, pioneiro, sabia como ninguém transformar projetos e até mesmo sonhos em realidade concreta.

Paralelamente, o Mestre aventurava-se em outros domínios: no final dos anos 1990, foi consultor da Fundação Roberto Marinho – FRM e Federação das Indústrias do Estado de São Paulo – FIESP, na elaboração do Telecurso 2000, incluindo aí a produção de aulas de Língua Portuguesa de 1º e 2º graus, a criação e análise de roteiros dos filmes dessas aulas, a construção de diretrizes para os professores que elaboraram aulas para outras disciplinas e o material de apoio aos monitores. O projeto foi desafiador para o grande teórico Marcuschi que teve que enfrentar questões como:

- a. No caso do EaD de Língua Portuguesa, como superar a ausência do professor na confecção dos materiais eficazes?
- b. Qual a linguagem ou a variante a ser usada para atingir todo o país e respeitar a variedade linguística?
- c. Qual o tipo de tratamento preferencial que deverá ser dado aos materiais ... deve ser tratada a gramática na sua forma pura e tradicional ou será preferível trabalhar as questões textuais e com isto introduzir muitos exercícios de produção textual? (MARCUSCHI, 1997).

Observe-se que as perguntas (a-c) são básicas para a concepção de qualquer curso de EaD e as respostas são difíceis para todos. Saliento este tipo de trabalho porque explica os motivos pelos quais Marcuschi é considerado um exemplo de pesquisador: em qualquer atividade, sabe fazer as perguntas corretas, é humilde e ao mesmo tempo destemido.

Marcuschi foi diretor da Editora Massangana da Fundação Joaquim Nabuco, de 1983 a 1985. Hoje, no *site* da editora é dito, simplesmente, que durante a direção de Marcuschi os livros da Massangana ganharam projeção nacional, mas à época, testemunhamos muitos elogios de pesquisadores da Fundação, reconhecendo a gestão do acadêmico como uma das mais prósperas e competentes. Fundamental para o sucesso do Marcuschi diretor de editora era seu conhecimento de línguas: além do domínio total da língua alemã, também lia e compreendia perfeitamente inglês, francês, espanhol e italiano. No que se refere à atividade de leitura, tinha hábitos espartanos: lia diariamente, no mínimo duas horas por dia. Depois do desmonte do apartamento do Mestre, seus muitos livros passaram a ocupar uma sala exclusiva, com seu nome, na Biblioteca Central da UFPE.

Se por tudo isso, o cientista Marcuschi é conhecido e admirado em Pernambuco, no Brasil e no exterior, o que dizer da importância de seu trabalho em casa, na instituição a que se dedicou por mais de trinta anos? No âmbito da UFPE, em 2004, integrou equipe de estudo da estrutura e funcionamento da Pró-Reitoria de

Pesquisa e Pós-Graduação da UFPE – Propesq. Logo escolhido unanimemente pelo grupo como coordenador, elaborou, com a equipe, uma proposta de “Sugestões de base para um novo ordenamento tanto das formas de produção quanto das formas de relacionamento da Propesq com a comunidade”, documento idealizado como norte para as ações da instituição.

Na UFPE, contribuiu para consolidar o Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística, do qual participou desde seu comecinho, atuando ativamente nas linhas de pesquisa sobre descrição da língua falada e da língua escrita, compreensão textual na fala e na escrita, organização da interação verbal, oralidade e ensino de língua, análise de gêneros textuais. Foi oficialmente coordenador do programa de PG de 1980 a 1984, mas na verdade, ele sempre esteve presente, emprestando seu entusiasmo e brilhantismo para que o curso se consolidasse nas áreas de concentração que o compõem.

Marcuschi participou de muitas comissões internas de estruturação e organização dos cursos do Departamento de Letras, empenhou-se na criação da *Revista Investigações – linguística e teoria literária* que veio a lume em 1987, fundou o Núcleo de Estudos da Fala e da Escrita – Nelfe, formado por pesquisadores da Pós-graduação em Letras da UFPE e do CNPq para, originalmente, estudar questões relativas à compreensão da relação entre a fala e a escrita.

O professor coordenou o Nelfe desde sua criação em 1991, até a data em que se aposentou, em 2006 e foi responsável pela produção de inúmeros materiais e pela formação de muitos pesquisadores – contabiliza, sozinho, quase 70 supervisionados só entre mestres e doutores. Também orientou muitos alunos PIBIC que, atualmente, são professores e pesquisadores experientes. O trabalho do Marcuschi na formação de recursos humanos sempre foi e é muito reconhecido por todos aqueles sortudos que trabalharam com ele. Ainda outro dia, examinando o currículo de uma pesquisadora, professora já há bastante tempo, percebi que ela destacara no resumo inicial do Lattes o fato de ter sido bolsista Pibic do Marcuschi. Achei a nota muito comovente, pois muitas vezes, esquecemos de olhar para o passado e de reconhecer a quem devemos nossa formação.

Creio que com o já dito, fica também destacado o perfil do professor. Mas é preciso acrescentar que, além de suas ideias precursoras e competência, Marcuschi sempre foi também muito generoso e paciente com aqueles que sabem menos que ele (o que corresponde a um grande número de pessoas). Suas aulas às quartas eram sempre muito disputadas por alunos da área e – gostaria de destacar – muitos discentes e docentes de outras áreas. A atração de tantos pesquisadores de diferentes formações tem a ver “não só” com sua competência e conhecimento, mas com sua visão de humanista. Marcuschi nunca se concentrou só em formar linguistas para reforçar a área, mas dedicou-se, sobretudo, a formar pensadores críticos e responsáveis que atuariam como multiplicadores na linguística e áreas afins.

Os temas trabalhados nos cursos correspondiam a temas de suas pesquisas, englobados sob o vasto leque de disciplinas ministradas por ele na graduação e na pós-graduação. Na pós, uma de suas disciplinas favoritas era Semântica e Pragmática em que o ponto central era distinguir essas duas áreas de conhecimento, puxando a brasa, reconheço, para a pragmática. Na primeira vez em que assisti ao curso, Marcuschi dizia que, para se ter uma noção mais precisa do escopo e objeto da pragmática, era preciso confrontá-la com sua principal vizinha, a semântica (e se referia sobretudo à semântica formal). Em outros anos em que acompanhei o mesmo curso, Marcuschi ressaltaria que tal distinção não seria mais tão crucial. Cito alguns trechos do inspirador e consistente Programa de Curso – Pragmática, versão 1996 (16 páginas, fonte 10, espaçamento 1).

Diz ele:

Numa visão mais recente, a preocupação com a distinção nítida entre semântica e pragmática já não é mais um ponto crucial. Sobretudo após os estudos levados a efeito por DUCROT com sua pragmática integrada. (MARCUSCHI, 1996:5)

Não se trata mais de tentar defender o que Horn (1988:113), quando da chamada para a fundação da International Pragmatics Association, chama de ampla, vaga e desorganizada coleção de esforços de pesquisas.

Reconhece Marcuschi:

A situação melhor ou sensivelmente hoje em dia e já não parece que a tarefa da pragmática continua aquela proposta por Bar-Hillel (1971), ou seja, “por uma certa ordem no cesto de lixo” em que se convertera ou fora convertida a pragmática.com efeito, a ordem viria com uma teoria consistente, com algum rigor formal e sobretudo com clareza de suas questões centrais bem definidas. Pode-se dizer que o livro texto padrão de Levinson (1983) trouxe esta ordem, embora com uma redução bastante significativa. Continua, no entanto, aberta a questão de que a pragmática não seria passível de formalização pela impossibilidade de envolver o contexto nas descrições gramaticais e semânticas formais. Essa formalização é hoje um dos objetivos centrais. (MARCUSCHI, 1996:12)

Um dos problemas a serem enfrentados é o que diz respeito às questões teóricas envolvidas num empreendimento dessa natureza. Certamente, será necessária uma teoria semântica minimamente desenvolvida e uma teoria sintática suficiente para se analisar as propriedades de certos enunciados. ... noções como “contexto”, “relevância”, “conhecimento partilhado”, “significação convencional” (sentence meaning), “significação não convencional” (speaker meaning), “sentença” (entidade gramatical abstrata significativa), “enunciado” (sentença em contexto) e algumas noções lógicas como “implicação”, “implícito” e “valor verdade” dos conectivos devem ser trabalhadas ao lado de outras como “pressuposto”, “pressuposição”, “implicatura”, que ultrapassam a lógica. (MARCUSCHI, 1996:13)

Obviamente, não quero discutir as posições de Marcuschi sobre a tão complexa distinção acerca dos escopos de cada disciplina. Primeiro, porque não tenho

autoridade para afirmar as posições teóricas do Marcuschi e, segundo, porque ele não tinha quaisquer problemas em mudar de opinião. Trago essas longas citações apenas para ressaltar o que considero ser uma das maiores qualidades do professor Marcuschi: a capacidade de acompanhar o desenvolvimento dos estudos de áreas, de ouvir outros pesquisadores e de rever suas posições.

Todos conhecem um dos livros mais vendidos de Marcuschi, o *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*, que corresponde à 4ª versão (2005) do programa e materiais da disciplina Linguística 3, que Marcuschi ministrava na graduação. Central em todas as versões do curso, um tema que lhe era muito caro, os processos de compreensão. A compreensão é vista não apenas como um ato de identificação de informações, mas como atividade de produção de sentidos colaborativa, que se baseia em atividades inferenciais.

Diz ele:

Para se compreender bem um texto, tem-se que sair dele, pois o texto sempre monitora o seu leitor para além de si próprio e este é um aspecto notável quanto à produção de sentido. (MARCUSCHI, 2003:4)

Outras disciplinas que Marcuschi gostava de lecionar eram: Metodologia da pesquisa linguística, Interação verbal, Teoria e prática da produção textual.

Este é apenas um pequeno resumo das várias formas através das quais o Mestre sempre participou ativamente das ações que integram o projeto científico da Pós-graduação em Letras e da UFPE como um todo. Sua capacidade de dialogar com outras áreas era impressionante, tendo inclusive ajudado na criação de outros cursos de pós como filosofia, comunicação, psicologia, história. Em reconhecimento por suas ações, Marcuschi recebeu, em 2010, o título de Professor Emérito.

CONTRIBUIÇÕES PARA A LINGUÍSTICA DE TEXTO E ANÁLISE DA CONVERSAÇÃO

O pioneirismo do Marcuschi em relação a seus temas traduz-se, em parte, pelas obras que publicou. O primeiro livro foi *Linguagem e classes sociais* (1975), uma introdução crítica à teoria dos códigos linguísticos de Basil Bernstein – autor que mais tarde vem a ser duramente criticado no meio acadêmico. O material resultou de trabalho de seminário produzido em 1972-1973 (em Erlangen/Nurnberg, Alemanha Federal).

Marcuschi diz que o objetivo é apresentar ao público um autor muito estudado e discutido fora do Brasil. Considerava estranho que à época ainda não tivessem aparecido entre nós, comentários sobre a obra deste educador, psicólogo, sociólogo e linguista, afirmando que seria até o caso de perguntar pelos motivos de tal atraso. Ou seja, o professor parecia simpatizar com alguns dos achados de Bernstein. Ele costumava dizer que a infelicidade maior de Bernstein estava na

terminologia: falar em *déficit* significa ignorar que variantes linguísticas são funcionalmente equivalentes na sua possibilidade expressiva e, sobretudo, na sua capacidade lógica. Falar em códigos elaborado e restrito e relacioná-los a falantes de diferentes classes sociais é certamente um erro. Mas, polêmicas à parte, como dizia Marcuschi, a sistematização de um autor que nunca se apresentou de forma sistemática tem o mérito de trazer à discussão temas relevantes.

Na UFPE (1976), o primeiro grande projeto de pesquisa desenvolvido por Marcuschi voltava-se para uma descrição e análise da linguagem da empregada doméstica, trabalho que lhe destacou como linguista preocupado com a questão dos diferentes usos da língua. O projeto teve o mérito de envolver os alunos que coletaram e analisaram dados ao longo dos cursos. Pode ser impressão, mas acho que aí despertou no Marcuschi a importância da construção de uma metodologia mais refinada de coleta de dados linguísticos como aluna assídua, ganhei muitos elogios em aula por identificar marcas de assimetria nas entrevistas com empregadas domésticas feitas por alunos de pós-graduação. Foi a época em que Marcuschi mais se interessou pela sociolinguística variacionista, tendo inclusive ministrado a disciplina.

Ainda influenciado pelos estudos de Bernstein (no contraponto com os estudos variacionistas de Labov), Marcuschi testou a recorrência de características do chamado “código restrito” na linguagem das empregadas: existência de frases curtas, gramaticalmente simples e incompletas; emprego de conjunções simples e repetidas (aí, então, porque); pouco uso de subordinação; a inabilidade na manutenção de um só sujeito na sequência de fala; uso limitado de adjetivos e advérbios; uso pouco frequente de pronomes impessoais como sujeito; uso frequente de afirmações categóricas (faz isso, não mexa); grande número de reforço (não é? sabe?); uso recorrente de certas expressões idiomáticas; significados implícitos. Não preciso dizer que os resultados confirmaram tais características.

Em 1983, o Mestre assina o *primeiro* e mais influente livro da Linguística de Texto, que circulou por todo país inicialmente como uma “publicação” preliminar, mimeografada e que só mais tarde, pela pressão de seus leitores, vem a ser publicada e republicada comercialmente por várias editoras. O título da obra *Linguística de texto: o que é e como se faz* é revelador e bem indica o grau do (não) desenvolvimento da área à época. Ele sempre dizia que este texto mimeografado sempre foi, de longe, o mais usado e citado de todos os que produziu.

A observação de seus projetos de pesquisa e os trabalhos deles decorrentes formam um relato valioso, elaborado com cientificidade e coerência, que descortina o estudo da língua como um feixe de possibilidades. Os estudos da segunda metade dos anos 1980 concentram-se, sobretudo, no estudo de gêneros orais, com foco maior na conversação casual. À frente de seu tempo, em 1986 publica “Análise da Conversação”, o primeiro livro da área da Análise da Conversação no Brasil. Parte da Série Princípios da Ática (ou seja, o livro caracteriza-se como

introdutório), a obra que tem sido chamada por colegas de “pequeno grande livro”, reúne as principais ideias de teóricos europeus da AC de linha etnometodológica, mais voltadas para aspectos organizacionais da conversação. A partir daí vão surgir muitos estudos sobre a estrutura da conversa, as regras ativadas na interação e os fenômenos estereotípicos da modalidade oral.

No âmbito dos estudos mais voltados para o oral, entre 1992 e 1995, Marcuschi desenvolve o projeto “Formas e posições da hesitação como descontinuidadora da fala na interação verbal”, como parte de um Projeto Integrado sobre a hesitação, apoiado pelo CNPq.

Em 1992, o professor apresenta a tese sobre “A repetição na língua falada. Formas e funções”, no seu concurso para professor titular da UFPE e é aprovado sem restrições. O trabalho foi concebido desde o pós-doutoramento em Freiburg quando o pesquisador coletou grande parte da bibliografia que utilizou. Mais tarde, o texto foi discutido no âmbito de um grupo interessado no estudo da repetição (com Maria Luiza Braga, Claudia Roncarati, Rosália Dutra e, mais tarde, também com Ingedore Koch e José Gaston Hilgert). A partir da hipótese de que a repetição é um dos mecanismos mais salientes para a produção, condução e compreensão do texto dialogado, Marcuschi formula as questões centrais do estudo (que cito abaixo):

- a. É possível montar uma matriz que desenhe todos os tipos formais de repetição? Se sim, quais seriam esses tipos?
- b. Quais desses tipos são os mais recorrentes?
- c. Quais as funções mais comuns da repetição? Têm elas alguma característica ou marca formal que permite sua identificação?
- d. Pode-se estabelecer correlações sistemáticas entre formas e funções da repetição?” (MARCUSCHI, 1992:4-5)

A partir de 1995, Marcuschi opta por um programa de estudos sobre a relação entre a fala e a escrita e no âmbito de quatro Projetos Integrados consecutivos (Fala e escrita: características e usos – PI I, II, III, IV) desenvolve muitas de suas ideias vanguardistas sobre essa complexa e relevante área de pesquisa. De 1995 a 1997, com o projeto “Fala e escrita: características num *continuum* tipológico”, Marcuschi desenvolve as bases para o estudo da relação entre as modalidades.

Além de uma formulação geral de princípios e critérios, ele sugere as características a serem analisadas na relação entre a fala e a escrita dentro de um fio condutor fundado na correlação com os gêneros textuais. Sua pesquisa muito contribuiu para impulsionar tanto os estudos na perspectiva teórica fala e escrita quanto a investigação dos mais variados gêneros textuais. O livro *Da fala para a escrita*. Atividades de retextualização, publicado em 2001, foi concebido ao longo de seus dois primeiros projetos sobre a relação entre a fala e a escrita.

No segundo PI (1997-1999), o projeto “Atribuição de referentes nas atividades de formulação textual na fala e na escrita” inicia um programa de estudos sobre a referenciação, fenômeno centralmente estudado nos projetos integrados seguintes: “Referenciação e coerência da atividade discursiva falada e escrita” (PI III, de 1999-2001) e “Referenciação e atividade inferencial no processamento textual” (PI IV, de 2001-2004).

O objetivo central não se ancora na investigação dos gêneros focados, mas na linha da indagação teórica. A observação dos fatos e dados empíricos serve de embasamento para as propostas teóricas a serem feitas no estudo dos processos de organização textual e um aspecto inovador é a observação dessa organização referencial na perspectiva da relação entre fala e escrita. Segundo o autor, algumas das questões centrais assim se traduzem:

- a. Existem processos de referenciação típicos da fala e da escrita?
- b. Em caso afirmativo, quais são suas características? ou
- c. Qual a relevância dos processos de referenciação para a produção de coerência, ou seja, qual a relação entre referenciação e coerência?

Seu último projeto, a partir de 2004, versava sobre “O aspecto lexical no processo de textualização”. Diretamente ligado aos anteriores, em essência, o estudo trata das relações entre o léxico, o processo referencial e a organização tópica na atividade de textualização. Salienta Marcuschi que não se trata de um estudo sobre a natureza e o papel do léxico simplesmente, mas sim sobre o funcionamento textual do léxico na produção de sentido, pois estudar o léxico é também estudar contexto. Apoiando-se em Mondada & Dubois (1995-2003:19), Marcuschi defende a tese de que, no estudo do léxico, ao invés de partir do pressuposto de uma segmentação *a priori* do discurso em nomes e do mundo em entidades objetivas para em seguida, deve-se questionar a relação de correspondência entre uma e outra (nomes e entidades objetivas) parece ser mais produtivo questionar os processos de discretização. Tais processos de categorização são fluidos, o que significa dizer que o léxico não pode ser pensado à margem da cognição social.

A escolha dos temas de estudo nunca foi aleatória, mas parte bem definida de um programa que, segundo Marcuschi, contempla as questões mais relevantes da Linguística, cruciais para melhor entender as formas de construção do sentido de textos falados e escritos como visto, os estudos deste brilhante pesquisador cobrem várias das áreas do estudo da língua: oralidade, escrita e relação entre fala e escrita, concentrando-se tanto no estudo dos processos interacionais mobilizados nas diversas atividades de interação social quanto na investigação das estratégias de ordem sociocognitiva, sociointeracional e textual, atualizadas por ocasião do processamento de textos falados e escritos, quer em termos de produção quer de compreensão.

Na base desses estudos, a sempre enfatizada convicção de que a língua é uma atividade interativa, social, cognitiva que estrutura nosso conhecimento e permite que nosso conhecimento seja estruturado em contextos sociodiscursivos.

PALAVRAS FINAIS

Bem, assim foi, ou melhor, assim é Marcuschi – um ser à frente de seu tempo, com uma mente brilhante e perspicaz, com um enorme talento no foco do primordial – e que nos deixa um incomparável patrimônio intelectual materializado em sua visionária atuação na política científica de área, na sua consistente e pioneira produção científica, na sua generosa capacidade de formar recursos humanos.

Pontuei bem menos aqui a faceta que considero a mais fascinante em Marcuschi – o seu lado mais humano, mais iluminado, mais bonito. O que ele sempre soube fazer melhor, ou seja, ser amigo. Os que tiveram o privilégio de conviver com Marcuschi sempre souberam que podiam contar com ele para qualquer empreitada. Recentemente, lendo depoimentos e puxando pela minha memória, tenho a impressão de que quando tentamos falar *sobre* Marcuschi, findamos por destacar o impacto que este amigo extraordinário tem sobre nossas vidas. Creio que não é por acaso que isso acontece – este nunca foi um aspecto menor da vida do nosso homenageado. Ele sempre cultivou esse traço de sua personalidade, quando se tratava de ajudar alguém, de orientar novos pesquisadores, de promover, de estimular colegas.

Podemos assim concluir que os campos de interesse de estudo do professor Marcuschi estiveram sempre presentes no conjunto de suas atividades. Tanto na vida diária, com seus familiares e amigos, quanto no âmbito da ciência, com seus companheiros de luta e interlocutores de classe, ele sempre nos ensinou muito sobre o que há de mais essencial – sobre ética, sobre companheirismo, sobre solidariedade, sobre amizade. Sabemos que com essas poucas palavras, nem de longe fazemos justiça ao valor do professor pesquisador cientista amigo Marcuschi – buscamos, apenas, fazer uma singela homenagem àquele que jamais deixará de ser o nosso grande Mestre.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAR-HILLEL, Y. Out of the Pragmatic Wastebasket. *Linguistic inquiry* 11, 1971:401-407.
- LEVINSON, S. *Pragmatics*. Cambridge: CUP, 1983.
- MARCUSCHI, L. A. *Análise da conversação*. São Paulo: Ática, 1986.
- MARCUSCHI, L. A. *A repetição na língua falada*. Formas e funções. Tese para titular. Recife: UFPE, 1992.

- MARCUSCHI, L. A. Compreensão textual. Recife, UFPE, versão mimeo, 2003.
- MARCUSCHI, L. A. *Da Fala para a Escrita. Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARCUSCHI, L. A. Desafios na produção de materiais no ensino a distância. *Revista Intercâmbio*, v. VI, 1997:1-17.
- MARCUSCHI, L. A. *Linguagem e classes sociais*. PA: Movimento, 1975.
- MARCUSCHI, L. A. *Linguística de texto: o que é e como se faz*. Recife: UFPE, 1983.
- MARCUSCHI, L. A. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. Programa de curso – pragmática. Recife, UFPE, versão mimeo, 1996.
- MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção de objetos de discurso e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M. et al. (Org.). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003, p. 17-52.